HISTÓRIAS DO BRUXO DO COSME VELHO: UM LIVRO INFANTIL DE MACHADO DE ASSIS?

Virna Lúcia Cunha de Farias[1]

Resumo: segundo Chartier (2001), autores não escrevem livros, escrevem textos, aqueles são produtos do mercado editorial. Partindo dessa premissa e de estudos sobre adaptações de obras de ficção para jovens leitores, (FARIAS, 2004), (FORMIGA, 2009), propomos analisar o volume, *Histórias do bruxo do Cosme Velho* (2003), antologia de contos de Machado de Assis, integrante da Coleção Literatura em minha casa, adaptado para crianças por Ana Mariza Filipouski. Na análise, procuramos mostrar que, mesmo não havendo cortes nem mudanças nos textos do autor, procedimentos comuns às adaptações, a experiência em tentar transformar narrativas de Machado de Assis em literatura infantil não foi válida.
Palavras-chave: literatura infantil; Adaptação; Machado de Assis.

1. Professora do Instituto Federal do Rio Grande do Norte – IFRN. Mestre em Literatura e Ensino pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB
Doutoranda em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB, sob a orientação da Professora Doutora Socorro de Fátima Pacífico Barbosa. email: fariasvirna@ig.com.br.

Abstract: according to Chartier (2001) authors don't write books, they write texts, which are publishing market's product. Based upon this premise studies about works of fiction's adaptations to young readers, (FARIAS, 2004), (FORMIGA, 2009) we propose to analyze the volume, Histórias do bruxo do Cosme Velho, anthology of short stories by Machado de Assis, part of the collection Literary Collection at my house, adapted for kids by Ana Maria Filipouski. In the analysis, we sought to show that, even without cuts or changes in the author's texts, common procedures to the adaptations, the experience of trying to transform Machado de Assis' narratives in children's literature was not valid.
Keywords: children's literature; Adaptation; Machado de Assis.

1 Introdução

A adaptação de obras literárias é uma prática comum em vários países e épocas diferentes. Segundo Chartier (2003), na França do Antigo Regime, que engloba do século XVI ao XVIII, muitas obras passaram por esse processo de reescritura, buscando atingir um público pouco familiarizado com o livro e, consequentemente, com a leitura. Essas obras reescritas faziam parte das chamadas edições da Biblioteca Azul, direcionadas às camadas populares da sociedade francesa, sobretudo os

camponeses. De acordo com o estudioso francês, a leitura que resultava desse processo de adaptação era descontínua e elementar. Também na França, romances como *Madame Bovary,* de Flaubert, eram reescritos para serem lidos nas escolas por crianças. Neste caso, eram cortadas do texto as partes tidas como impróprias e amorais para as crianças da época, funcionando assim o processo de adaptação como uma espécie de censura (GENETTE, 1992).

No Brasil, adaptar obras literárias, adequando-as a um público mais jovem, faz parte da gênese da literatura para crianças. A reescritura dos clássicos universais começou a chegar aqui juntamente com os padres jesuítas. Durante o Período Colonial e parte do Império, os livros que eram usados no meio escolar eram clássicos reescritos com a finalidade de educar e instruir a criança e o jovem. Assim, as adaptações fazem parte da história da leitura no Brasil, mais especificamente, da escolarização da leitura literária, desde os primórdios da educação brasileira (FORMIGA, 2009).

Hoje, a prática da adaptação continua uma constante em nosso país e, como no início, sempre relacionada à escolarização da leitura literária. Uma rápida folheada nos catálogos das principais editoras do mercado brasileiro nos faz ver quantas coleções de editoras diferentes trazem esse tipo de publicação, como exemplo, citamos: *Reencontro Infantil e Reencontro* (Scipione); *Redescobrindo os clássicos* (Ática); *Clássicos*

Rideel e *Machado de Assis em sua essência* (Rideel editora), entre outras. Há a presença de obras adaptadas em toda a vida escolar do educando, com finalidades que vão desde o vestibular, até a adequação dos textos para um público cada vez mais jovem, as crianças. Os motivos mais comuns para tentar justificar o porquê da adaptação diferem de acordo com a faixa etária. Para os jovens que cursam o Ensino Médio, o processo é justificado pela necessidade que tem o aluno dessa etapa da vida escolar de fazer um grande volume de leitura em um curto espaço de tempo. Já quando ocorre adaptação de textos para crianças, o mercado editorial tenta justificar o processo alegando que é necessário divulgar os clássicos para as crianças desde cedo.

Grijó (2007), estudando uma adaptação de *Os lusíadas,* feita para crianças, comenta que esse formato editorial tem ganhado cada vez mais espaço no mercado brasileiro de paradidáticos. Segundo ela, a adaptação é um dispositivo didático/mercadológico que se configura numa forma de divulgar a literatura na escola e que apresenta apelos difíceis de resistir, já que faz circular o cânone, cria um enorme mercado para os livros paradidáticos e, acrescenta a autora, ainda fornece à sociedade ligada à escola, ou seja, pais e professores, a sensação de formação de uma geração de intelectuais que não apenas leem livros, mas leem Camões, Shakespeare, Cervantes entre outros. Sobre o porquê adaptar, Grijó (2007) afirma:

> A pretensão da adaptação é possibilitar a leitura de uma obra por um público que não se constitui como o previsto pelo autor do texto original, seja por questões relacionadas ao tempo e aos espaços culturais, seja por questões ligadas à linguagem, enfim, por questões que se referem ao parâmetro discursivo dos leitores (GRIJÓ, 2007, p. 97).

A autora salienta que os mecanismos utilizados pelo adaptador para reescrever o texto são os mesmos na maior parte das adaptações: síntese, alterações sintáticas e morfológicas, explicitação de contextos. Todos esses recursos, lembra a pesquisadora, são compreendidos como resultado da escolha do adaptador para interagir com o novo leitor construído pela editora.

Procedimentos parecidos acontecem com a adaptação direcionada ao público juvenil, mais especificamente, os romances cujo público alvo é o estudante de Ensino Médio. Para se chegar ao livro adaptado, os caminhos mais comuns são a elisão, que consiste em fundir certa quantidade de capítulos em um só; a seleção, a síntese e a redução, tudo com o propósito de tornar a obra mais acessível, sob o ponto de vista da linguagem, e menos volumosa (CUNHA DE FARIAS, 2004). Sem grandes preocupações com questões morais, o processo de adaptação direcionado a esse público busca apenas tornar a leitura

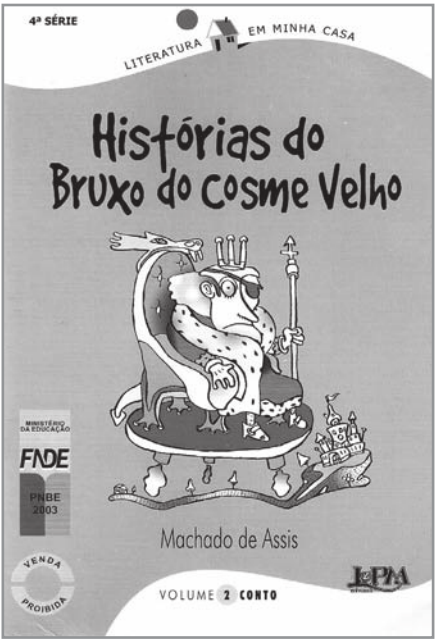
mais simples e mais rápida, devido ao problema do tempo já mencionado anteriormente.

Neste trabalho, vamos apresentar um tipo de adaptação diferente das acima citadas, já que os seus adaptadores não fazem cortes no texto, ou seja, eles apresentam a obra na íntegra, mas usam outros mecanismos para adequá-la a um público que não é o mesmo pensado pelo autor. Propomos então analisar os procedimentos de 'fabricação' e de adaptação do livro *Histórias do Bruxo do Cosme Velho*, (2003) antologia de contos pertencente à coleção *Literatura em minha casa*, organizada por Ana Mariza Filipouski, publicada pela editora L&PM em tiragem especial para ser distribuída nas escolas públicas. Afirmamos que, apesar de o texto do autor ter sido preservado e os adaptadores terem utilizados recursos como ilustração e notas, a adaptação não foi feliz, visto que a linguagem, o conteúdo e os temas discutidos nas narrativas não pertencem ao universo infantil, até porque mesmo Machado de Assis nos deixando como legado uma extensa produção literária, o autor nunca escreveu para o público infantil. O mercado editorial apela muito ao 'fabricar' e lançar no mercado um livro do autor direcionado a esse público. Para o estudo, partimos de pressupostos de Chartier (1994), para quem os autores não escrevem livros, escrevem textos e de um estudo feito por Vilar (2007) em que é analisada uma adaptação de um poema de Drummond para o público infantil.

2 *Histórias do bruxo do Cosme Velho*: um livro infantil de Machado de Assis?

O livro *Histórias do Bruxo do Cosme Velho* (2003) é o volume 2 de uma coleção de cinco volumes, direcionadas a alunos do 5º ano. Desde a capa, há a tentativa de torná-lo infantil, pois traz a ilustração de um rei, figura sempre presente no imaginário das crianças e nas histórias infantis. A capa se apresenta ainda bem colorida e cheia de desenhos e ilustrações, como a casinha entre o nome da coleção, o castelo abaixo do trono do rei, tudo em cores vivas e alegres. O título dado à coletânea dá ao livro um respaldo grande, já que foi uma expressão do poeta Carlos Drummond de Andrade, no poema "Ao bruxo, com amor" (2001), dedicado a Machado de Assis. Sendo assim, um livro de Machado com um título que é uma expressão tirada de Carlos Drummond de Andrade merece uma credibilidade grande. O termo 'bruxo' ainda remete ao universo das histórias infantis, principalmente, nas últimas décadas em que essa figura deixou de ser vilão para se tornar herói das histórias infanto-juvenis, como ocorre com as aventuras vividas pelo aprendiz de bruxo Harry Potter.

Figura 1: Capa do livro *Histórias do Bruxo do Cosme Velho.*



Fonte: ASSIS, Machado de.*Histórias do Bruxo do Cosme Velho.* Editora L&PM, 2003.

Completam a coleção mais quatro volumes de gêneros literários diferentes: Volume 1: *Poesia fora da estante – para crianças (2003)*, antologia que apresenta versos de poetas conhecidos da poesia infantil, como Elias José, Paulo Leminski , Sérgio Capparelli, Roseana Murray, entre outros nomes nem tão conhecidos para o público infantil, como o de Henriqueta

Lisboa; volume 3: Novela – *Os meninos da Rua da Praia,* de Sérgio Capparelli ; volume 4: Clássico Universal – *Uma história de Natal* (2003), de Charles Dickens; volume 5: Peça teatral – *A fada que tinha idéias* (2003) de Fernanda Lopes de Almeida. Como pode ser visto na relação das obras que fazem parte da coleção, houve um cuidado em diversificar a escolha dos gêneros, o que é bastante louvável, como também na escolha dos autores, quase todos escritores de literatura infantil. Por esse motivo, causa surpresa encontrar no meio desses nomes Machado de Assis.

O volume em questão, o segundo da coleção, traz cinco contos de Machado: *Filosofia de um par de botas,* publicado pela primeira vez no jornal *O Cruzeiro*, em 1878; *História Comum*, publicado primeiro na revista *Cruzeiro* em 1883, tendo saído em 1906 em livro, numa coletânea que não foi organizada pelo autor; *Ideias de canário*, e *O dicionário*, publicados já em livro, na coletânea *Páginas recolhidas*, organizada pelo próprio autor em 1899; e *Metafísica das rosas*, publicado em *A Gazeta literária* em 1883, depois publicada em uma coletânea intitulada *Outros contos,* integrante da edição das *Obras completas* da editora Nova Aguilar. Os suportes em que primeiro esses contos circularam ou eram jornais dedicados a notícias em geral, como *O Cruzeiro*, ou revistas dedicadas à literatura, nenhum, portanto, direcionado ao público infantil.

Pelas histórias escolhidas, percebe-se que o que norteou a seleção dos contos para o volume foi uma ideia bastante

recorrente, mas equivocada, de que obras para crianças sempre falam de bichos (VILAR, 2007) ou tem como personagens seres inanimados, ou outra ideia mais equivocada ainda, a de que se houve a presença desses elementos em uma obra é, então, literatura para crianças. Tanto que, com exceção de *O Dicionário*, os demais contos apresentam essas características. Acreditamos que essa escolha por histórias que apresentem animais ou seres inanimados foi o primeiro passo para transformar os contos em um livro para crianças. Após a seleção dos contos, o segundo procedimento foi ilustrá-los, trabalho feito por Eduardo Uchôa.

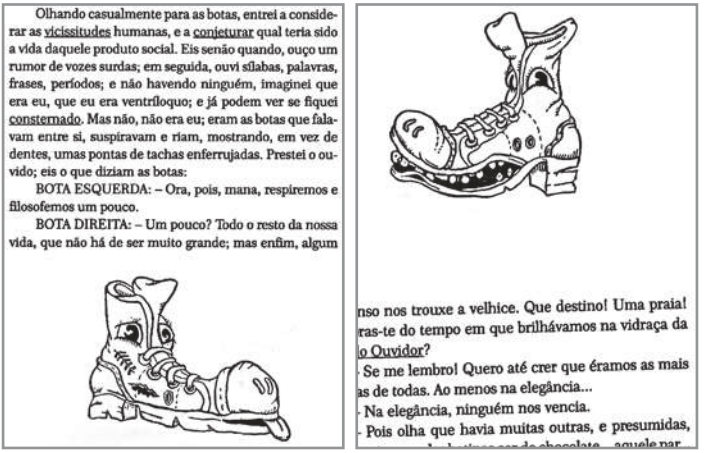
A estratégia para a adaptação dos contos de Machado de Assis se repete em todas as narrativas presentes no livro em questão. Foram selecionados contos cujos personagens são animais e objetos inanimados. O texto do autor foi preservado, a narrativa está na íntegra. Para adequá-lo ao novo público, foi adaptado o suporte em que os textos machadianos se materializam, ou seja, o livro é infantil, o texto não.

Depois de selecionados os contos, para o auxílio na leitura, o livro foi ilustrado, recurso indispensável para a construção de uma obra de Literatura infantil. As ilustrações não dizem muito sobre a história. Até porque é difícil transpor para gravuras, principalmente para crianças, a experiência humana presente na obra de Machado de Assis, sobretudo nos contos escolhidos para o livro, pois todos apresentam muita reflexão, conteúdo filosófico e psicológico.

Como o texto do autor foi preservado e a linguagem machadiana está pouco acessível ao novo público, outro recurso usado no processo de adaptação foi um vocabulário anexado ao final do livro, com o nome de *Notas para os leitores mais curiosos,* com o objetivo de sanar a dificuldade vocabular. No texto, as palavras julgadas distantes do vocabulário de uma criança são sublinhadas e, no final do livro, aparecem as notas, indicando o significado. Vejamos trechos de cada conto com suas ilustrações e com as palavras consideradas incomuns grifadas:

O1. Filosofia de um par de botas

Figura 02: Ilustração do conto, *Filosofia de um par de botas*.


Olhando casualmente para as botas, entrei a considerar as vicissitudes humanas, e a conjeturar qual teria sido a vida daquele produto social. Eis senão quando, ouço um rumor de vozes surdas; em seguida, ouvi sílabas, palavras, frases, períodos; e não havendo ninguém, imaginei que era eu, que eu era ventríloquo; e já podem ver se fiquei consternado. Mas não, não era eu; eram as botas que falavam entre si, suspiravam e riam, mostrando, em vez de dentes, umas pontas de tachas enferrujadas. Prestei o ouvido; eis o que diziam as botas:

BOTA ESQUERDA: – Ora, pois, mana, respiremos e filosofemos um pouco.

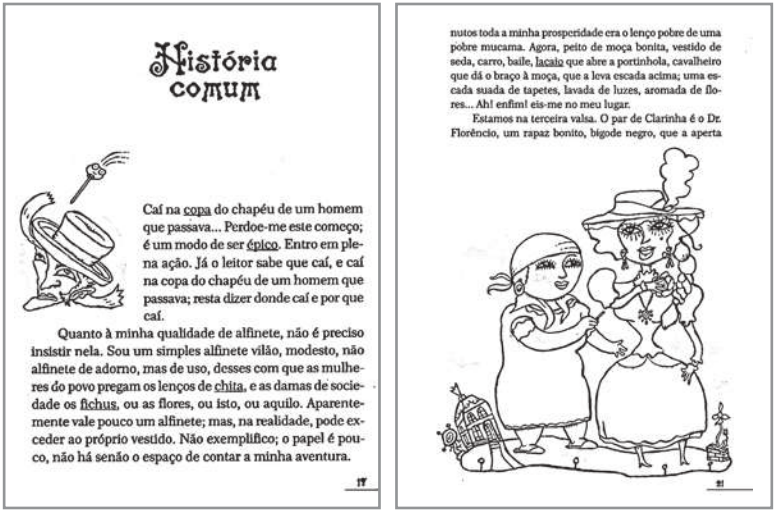
BOTA DIREITA: – Um pouco? Todo o resto da nossa vida, que não há de ser muito grande; mas enfim, algum

nso nos trouxe a velhice. Que destino! Uma praia!
ras-te do tempo em que brilhávamos na vidraça da
o Ouvidor?
- Se me lembro! Quero até crer que éramos as mais
as de todas. Ao menos na elegância...
- Na elegância, ninguém nos vencia.
- Pois olha que havia muitas outras, e presumidas,

Fonte: ASSIS, Machado de.*Histórias do Bruxo do Cosme Velho*. L&PM, 2003.p.5-8.

02. História comum

Figura 3: Ilustração de *História comum*.



História comum

Caí na copa do chapéu de um homem que passava... Perdoe-me este começo; é um modo de ser épico. Entro em plena ação. Já o leitor sabe que caí, e caí na copa do chapéu de um homem que passava; resta dizer donde caí e por que caí.

Quanto à minha qualidade de alfinete, não é preciso insistir nela. Sou um simples alfinete vilão, modesto, não alfinete de adorno, mas de uso, desses com que as mulheres do povo pregam os lenços de chita, e as damas de sociedade os fichus, ou as flores, ou isto, ou aquilo. Aparentemente vale pouco um alfinete; mas, na realidade, pode exceder ao próprio vestido. Não exemplifico; o papel é pouco, não há senão o espaço de contar a minha aventura.

17

nutos toda a minha prosperidade era o lenço pobre de uma pobre mucama. Agora, peito de moça bonita, vestido de seda, carro, baile, lacaio que abre a portinhola, cavalheiro que dá o braço à moça, que a leva escada acima; uma escada suada de tapetes, lavada de luzes, aromada de flores... Ah! enfim! eis-me no meu lugar.

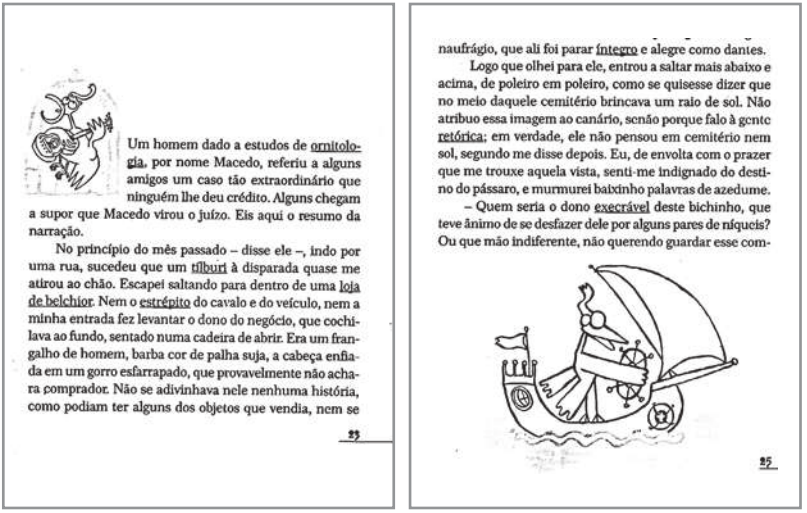
Estamos na terceira valsa. O par de Clarinha é o Dr. Florêncio, um rapaz bonito, bigode negro, que a aperta

21

Fonte:ASSIS, Machado de. *Histórias do Bruxo do Cosme Velho*. L&PM, 2003.p.17-21.

03. Idéias de canário

Figura 4: Ilustração de *Ideias de canário*.



Um homem dado a estudos de ornitologia, por nome Macedo, referiu a alguns amigos um caso tão extraordinário que ninguém lhe deu crédito. Alguns chegam a supor que Macedo virou o juízo. Eis aqui o resumo da narração.

No princípio do mês passado – disse ele –, indo por uma rua, sucedeu que um tílburi à disparada quase me atirou ao chão. Escapei saltando para dentro de uma loja de belchior. Nem o estrépito do cavalo e do veículo, nem a minha entrada fez levantar o dono do negócio, que cochilava ao fundo, sentado numa cadeira de abrir. Era um frangalho de homem, barba cor de palha suja, a cabeça enfiada em um gorro esfarrapado, que provavelmente não achara comprador. Não se adivinhava nele nenhuma história, como podiam ter alguns dos objetos que vendia, nem se

23

naufrágio, que ali foi parar íntegro e alegre como dantes.

Logo que olhei para ele, entrou a saltar mais abaixo e acima, de poleiro em poleiro, como se quisesse dizer que no meio daquele cemitério brincava um raio de sol. Não atribuo essa imagem ao canário, senão porque falo à gente retórica; em verdade, ele não pensou em cemitério nem sol, segundo me disse depois. Eu, de envolta com o prazer que me trouxe aquela vista, senti-me indignado do destino do pássaro, e murmurei baixinho palavras de azedume.

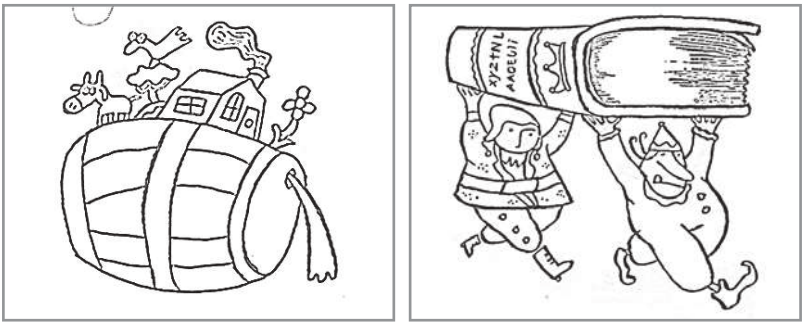
– Quem seria o dono execrável deste bichinho, que teve ânimo de se desfazer dele por alguns pares de níqueis? Ou que mão indiferente, não querendo guardar esse com-

25

Fonte: ASSIS, Machado de.*Histórias do Bruxo do Cosme Velho*.L&PM, 2003.p.23-25.

04. O dicionário

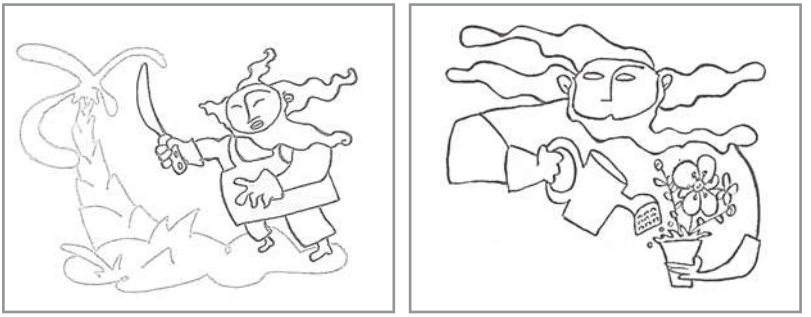
Figura 5: Ilustração de *O dicionário*.



Fonte:ASSIS, Machado de. *Histórias do bruxo do Cosme Velho*. L&PM, 2003.p.32-36.

05. Metafísica das rosas

Figura 6: Ilustração de *Metafísica das rosas*.



Fonte: ASSIS, Machado de*Histórias do Bruxo do Cosme Velho*. L&PM, 2003. P.40-1.

Apesar de só mostrarmos algumas ilustrações das histórias, apresentamos duas de cada conto e no total cada narrativa apresenta cinco desenhos, percebe-se que elas estão um pouco soltas nas narrativas, portanto não há ligação entre o que é contado e o que é mostrado por elas, há apenas cenas de algumas passagens sem sequência, como por exemplo, nas ilustrações referentes à *Filosofia de um par de botas*, há uma repetição constante da imagem da bota personificada. Das cinco ilustrações apresentadas do conto, em quatro se repete uma das botas sozinha, nunca as duas em diálogo, como ocorre ao longo da narrativa. Nas demais ilustrações, repete-se o procedimento. Percebe-se ainda que quem inspirou as ilustrações presentes nas narrativas foram, em algumas delas, personagens de programas infantis conhecidos do novo público pretendido pela editora.

No primeiro conto há uma semelhança muito forte entre as botas imaginadas pelo ilustrador e Tap e Flap, par de botas que habita o *Castelo Rá Tim Bum,* programa infantil de grande sucesso, veiculado na TV Cultura desde 1994. Assim como as botas do programa, as botas do conto também estão personificadas fisicamente: com olhos, boca, língua, dentes. Já a ilustração de *Ideias de canário*, também traz à lembrança episódios de programas infantis: a imagem do canário se balançando e tocando violão – no conto não há nenhuma imagem semelhante – lembra muito episódios do *Pica-Pau* e *Piu Piu e Frajola*.

As demais ilustrações presentes, ora são desproporcionais, por exemplo, o dicionário é bem maior que os homens que o carregam, ora não representam episódios dos contos ou, ainda, são frutos de uma leitura equivocada. Por exemplo, a ilustração do canário dirigindo o barco. Na narrativa, o homem quando vê o canário pensa se por acaso aquele não foi o último passageiro de um navio que naufragou. Fato depois negado pelo próprio pássaro, quando ele conta como veio parar ali. Talvez a cena seja fruto de uma interpretação do ilustrador, já que o canário acha que o dono da loja é um servo seu e que as coisas existem para servi-lo. Então, o canário pilotando o barco seria uma metáfora indicando que ele comanda tudo. Caso seja, tal ilustração é fruto de uma interpretação particular do ilustrador. Tal leitura é difícil ser percebida pelo público a quem o livro está direcionado sem que alguém o induza a isso.

3 Considerações finais

Após uma rápida análise sobre o novo produto editorial posto no mercado pela editora L&PM, afirmamos que o livro *Histórias do Bruxo do Cosme Velho* (2003) é uma obra fabricada pelo mercado, buscando atingir um tipo de público jamais imaginado pelo autor dos textos, já que, conforme dissemos no início deste trabalho, Machado nunca escreveu para crianças. Como assegura Chartier: "Seja o que for que façam, os autores

não escrevem livros. Os livros não são absolutamente escritos. Eles são fabricados por copistas e outros artífices, por operários e outros técnicos, por prensas e outras máquinas" (1994, p. 17). Mais adiante, acrescenta o autor francês que os autores não escrevem livros, escrevem textos que se tornam objetos escritos, manuscritos, gravados, impressos e, hoje, informatizados. Para ele, nesse espaço, ou seja, nesse novo suporte onde o texto passou a circular, é construído um novo sentido para o texto (CHARTIER, 1994, p. 18).

Trazendo a reflexão de Chartier para a análise do livro em estudo, afirmamos que Machado de Assis não escreveu o livro em questão, escreveu os textos que foram postos em outro suporte e este os transformou em uma obra diferente e com um sentido diferente. O livro *Histórias do Bruxo do Cosme Velho* (2003) é um produto que passou por 'uma linha de montagem': uma pessoa selecionou os contos, outra ilustrou, outra organizou, para depois ser fabricado e distribuído em série. Fabricou-se então, a partir de textos já consagrados pelo cânone, um novo livro de literatura infantil com textos que não foram escritos para esse público. Trazendo a reflexão de Grijó (2007) anteriormente citada para nossa análise, a presença de uma obra canônica na escola traz a sensação de que as crianças não estão apenas lendo, mas estão lendo Machado de Assis, mesmo que elas não consigam entender o universo criado pelo autor naquela obra.

Apesar de normalmente os discursos que acompanham os defensores das adaptações serem um discurso de dessacralização do cânone literário, entendemos que adaptar é justamente o contrário, já que, de certa forma, está imbricado a esse procedimento a ideia de que literatura são apenas os clássicos já consagrados (GRIJÓ, 2007, p. 102). Acreditamos que essa prática, principalmente quando tenta antecipar leituras, desconsidera a produção escrita direcionada para crianças existente no país. É como se as obras direcionadas ao público infantil não fossem consideradas literatura, sendo necessário então recorrer ao cânone adaptado para atender à necessidade de fantasia e imaginação das crianças, tarefa difícil já que esses textos não foram escritos para atingir o imaginário desse público.

Apesar de a adaptação em estudo ter fugido aos padrões das comumente lançadas no mercado de paradidáticos brasileiros, uma vez que não houve modificação no texto, apenas ele mudou de suporte, ganhando roupagem de livro infantil, cremos que a experiência de leitura que proporciona obras como essa pode não ser válida, devido ao distanciamento entre leitor e texto. Conforme afirmam Febvre e Martin (1958 apud CHARTIER, 1994, p. 12) o texto não tem significado a não ser através dos seus leitores. Sendo assim, a leitura desses contos pode não ter sentido para os jovens leitores pretendidos pelo mercado editorial. Acreditamos ser desnecessária essa antecipação de

leitura, pois há no mercado editorial brasileiro e na própria *Coleção Literatura em Minha Casa* obras bem mais adequadas ao público infantil e que podem atender perfeitamente às suas necessidades de fantasia e de imaginação.

Referências

ANDRADE, Carlos Drumond. *Alguma poesia*. São Paulo: Record, 2001.

CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros*. Brasília : Universidade de Brasília, 1994.

CHARTIER, Roger.. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: editora da UNESP, 2003.

CUNHA DE FARIAS, Virna Lúcia. *Adaptação de obras de ficção: caminhos e desvios*. 2004. 103 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Ensino) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2004.

FILIPOUSKI, Ana Maria (org). *Histórias do Bruxo do Cosme Velho.* Porto Alegre : L&PM, 2003.

FORMIGA, Girlene Marques. *Adaptação dos clássicos literários: uma história de leitura no Brasil*. 2009.250 f. (Doutorado em Literatura) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

GENETTE, Gérard. *Palimpsestes – La litterature au second degré*. Paris: editions Du Seuil, 1982.

GRIJÓ, Andréa Antoline. ' Quem conta um conto aumenta um ponto? Adaptações e literatura para jovens leitores'. In: PAIVA, *Aparecida et alli(org). Literatura: saberes em movimento*. São Paulo : Autêntica, 2007.

VILAR, Socorro de Fátima Pacífico. Como uma editora fabrica um texto de literatura infantil. In: ESPÍNDOLA, Lucienne; SOUSA, Maria Ester Vieira de. *O texto – vários olhares, múltiplos sentidos.* João Pessoa: Editora Universitária, 2007, pp.119 - 132.